

## NARRATIVAS E FÁBULAS TRANSFERENCIAIS NO SETTING ANALÍTICO: ALUSÕES CERVANTINAS NO COLÓQUIO DOS CACHORROS

### NARRATIVAS Y FÁBULAS TRANSFERENCIALES EN EL ENCUENTRO ANALÍTICO: LAS ALUSIONES CERVANTINAS EN EL COLOQUIO DE LOS PERROS

Márcia de Gois Pinto<sup>1</sup>  
Eneida Maria Gurgel de Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Envolver-se poeticamente e respeitar as capacidades literárias eram características de Sigmund Freud. Inveterado em suas cartas endereçadas a amigos, que encontrara no percurso de sua vida, mostrou ensejo da construção de uma nova ciência psicológica, posteriormente chamada de psicanálise. Estava demasiadamente presente a interlocução do novo saber e as produções literárias dos escritores, que tomava como sábios. Nos atendimentos clínicos das histéricas – principal demanda da época – Freud percebeu uma relação clínica a partir das narrativas e percepções das fantasias. Para esta relação chamou de transferência, o que vem a ser o motor da análise. Na leitura feita de Miguel de Cervantes, *O colóquio dos cachorros*, apresenta-se como um esboço semelhante ao vivido pelo analista. Neste sentido, o presente trabalho busca fazer a interface da literatura de Cervantes e o saber construído por Freud. Para tanto, será utilizado a literatura de Freud (1900, 1908, 1917) e Laplanche (1992 e 1993).

**Palavras-chave:** Miguel de Cervantes; Psicanálise; Transferência.

**Abstract:** *Comprometerse poéticamente y respetar las capacidades literarias fue una característica de Freud. Empedernido en sus cartas dirigidas a amigos que había conocido a lo largo de su vida, mostró la oportunidad para la construcción de una nueva ciencia psicológica, más tarde nombrada psicoanálisis. La interlocución de los nuevos saberes y las producciones literarias de los escritores, a quienes tomó por sabios, estuvieron muy presentes. En la atención clínica, para las histéricas – principal demanda de la época–, Freud percibió una relación clínica, basada en las narrativas y percepciones de las fantasías. A esta relación la nombró transferencia, que se convierte en el motor del análisis. En la lectura de Miguel de Cervantes, *El coloquio de los perros*, se presenta como un esbozo similar al experimentado por el analista. En ese sentido, el presente trabajo busca hacer una interfaz entre la literatura de Cervantes y el saber construido por Freud. Para ello, se utilizará la literatura de Freud (1900, 1908, 1917) y Laplanche (1992 y 1993).*

**Keywords:** *Miguel de Cervantes; Psicoanálisis; Transferencia.*

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica graduada pela Faculdade Internacional da Paraíba. Psicanalista de formação continuada. E-mail: marciadegois2@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística- PROLING/UFPB. Professora Efetiva de Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: eneida@servidor.uepb.edu.br.

## Introdução

Freud era um grande leitor de obras literárias, envolvido com os clássicos e os modernos. Com as correspondências para seu amigo Eduard Silberstein, no período entre 1871–1881, revela o interesse inicial no mundo psíquico. Posteriormente, no caminho da construção da Psicanálise, utilizou como uma de suas bases, as histórias de tragédias gregas de Homero, e Sófocles, o *Fausto* de Goethe, o *Hamlet* e o *Macbeth* de Shakespeare.

Com Miguel de Cervantes, Freud aprendeu a língua castelhana e, pode-se ver no livro *As Novelas Exemplares*, “Novela e diálogo que houve entre Cipião e Berganza” (conhecida também como “*O colóquio dos cachorros*”), uma representação do que é o próprio *setting* analítico, onde o personagem Cipião se apresenta como um ouvinte, pontuando observações sobre o decorrer da fala de Berganza. Freud e Silberstein eram impressionados com a obra de Cervantes, encenaram seus diálogos em cartas escritas na língua cervantina, colocando-se, ambos, como Cipião e Berganza, respectivamente.

Amante da literatura, Freud (1900) pontua através do texto *A Interpretação dos Sonhos*, marco da invenção da Psicanálise, uma relação do trabalho psíquico fornecido pelos sonhos, através de um jogo linguístico, um rébus, com a produção artística, literária e, mais precisamente, poética. Ou seja, quando sonhamos criamos obras literárias. Em 1908, na obra intitulada de *Der Dichter und das Phantasieren*, (*O poeta e o fantasiar*), Freud afirma que somos todos poetas, criamos um mundo de fantasias proveniente de nossos afetos e, estas fantasias são individuais, realizações de um desejo interno, singular, contingencial, articulados fortemente com a sexualidade infantil. E vai além, mostrando que um escritor consegue transformar esta fantasia individual, através de sua arte poética, em uma fantasia coletiva. Observar a produção e consumo da literatura ou outras produções artísticas é deparar-se com os dois inconscientes. O autor sai de sua realidade externa, produz seus escritos, tomado por seu inconsciente, chegando ao leitor, que se deleita diante de tal narrativa, encontrando a identificação que, em muitas vezes, nem ele mesmo reconhece. É um vínculo transferencial que se cria, que se estabelece.

A técnica da psicanálise tem uma dinâmica própria e o início do vínculo terapêutico é estabelecido pela transferência, um processo que se inicia a partir do desejo do sujeito. Segundo Zimmerman (2004), a transferência é fenômeno onde o paciente vivencia com a pessoa do psicanalista, na experiência emocional da relação analítica, todas as representações que ele tem do seu próprio *self*, as relações objetais que habitam seu psiquismo. E ele acrescenta que, além disso, os conteúdos psíquicos estão organizados como fantasias inconscientes, com as

respectivas distorções perceptivas, de modo a permitir interpretações do psicanalista que possibilitem a integração do presente como passado, o imaginário com o real, o inconsciente com o consciente.

A partir da interpretação, técnica usada pela psicanálise, o analista observa as resistências a partir do discurso do sujeito e a forma como esse discurso se estrutura. Ou seja, a interpretação se utiliza das formações do inconsciente, como o sonho, chiste, atos falhos, fantasias e sintomas, para buscar o que está latente à luz de suas manifestações primárias. Freud (1914), diz que o analista deve se contentar em estudar tudo o que se encontra presente, de momento, na superfície da mente do paciente e emprega a arte da interpretação, principalmente, para identificar as resistências que lá aparecem, tornando-as conscientes ao paciente.

No texto *A Dinâmica da Transferência*, escrito por Freud em 1912, vemos que a transferência, apesar de ser o motor da análise, é a mais forte resistência ao tratamento. O analista é colocado em uma situação de deslocamento libidinal e o recalque do desejo é depositado no analista numa repetição de relações anteriores. Ou seja, ao se relacionar com o analista, as fantasias de relações anteriores estão presentes e acabam por fixar-se nesta relação transferencial. É aí que habita a resistência manifesta no *setting*. Cabe ao analista extrair o mineral bruto das ideias não intencionais do analisando.

### **História da Transferência**

O entendimento de transferência foi sendo construído ao logo dos estudos de Freud. Já poderia ser visto em seus estudos sobre histeria, iniciados com Josef Breuer em 1893, com a paciente Anna O. Viam-se as primeiras manifestações de resistências na relação paciente/analista, porém a transferência ainda não existia como um conceito. Foi apenas em 1901, no caso Dora, publicado em 1905, onde a paciente interrompeu seu tratamento devido aos sentimentos amorosos e eróticos destinados a Freud, que ele conceituou de transferência: O que são transferências? São novas edições, reproduções dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes à medida que a análise avança, com substituição - característica da espécie - de uma pessoa anterior pela pessoa do médico (FREUD, 1915).

Ele ainda acrescenta que, ao aprofundar-se na teoria e técnica analíticas, percebe-se que a transferência é algo que necessário e inevitável. Cabe ao analista interpretar os sonhos, extrair os pensamentos e lembranças inconscientes das associações do paciente e outras artes de tradução semelhantes que o próprio paciente fornece em seu discurso. Adentrar no universo particular do sujeito se faz possível diante de seu discurso. Sentado em sua poltrona, o analista

escuta os relatos vindos de quem narra a sua dor, seus sonhos, suas fantasias e outras formações do inconsciente.

Já em 1912, Freud continua a falar sobre a transferência, citando que todo ser humano, pela ação conjunta de sua discricção inata e de suas influências experimentadas na infância, adquire em certo modo característico de conduzir a vida amorosa, onde a necessidade do amor, não completamente satisfeita em pela realidade, deslocará as expectativas libidinais do sujeito, podendo ocorrer, inclusive, com seu analista. No deslocamento para o analista, a resistência se faz presente, pois representam figuras parentais que podem despertar sentimentos bons e ruins no paciente, criando uma relação transferencial positiva e negativa com o analista. Ou seja, além de perceber a existência de transferência, deve-se perceber a forma que ela se manifesta e, assim, o que está latente no indivíduo e qual seu papel objetal diante do sujeito.

Freud continua a falar sobre transferência em 1914, em seu texto Recordar, repetir e elaborar. Quando estamos com o analista repetimos, de alguma maneira, momentos que nos deram algum prazer durante a vida. O paciente repete mesmo não sabendo que está repetindo e mesmo que exista uma queixa sobre esta vivência. A compulsão à repetição é sua maneira de recordar. O analista tem o papel de perceber e verificar as repetições do sujeito, ou seja, perceber as resistências do sujeito e entender o enigma de seu inconsciente, que são desconhecidas ao paciente, até então.

O que nos interessa, acima de tudo, é, naturalmente, a relação desta compulsão à repetição com a transferência e com a resistência. Logo percebemos que a transferência é ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual (FREUD, 1914, p. 160).

O analista quando provoca o sujeito demonstrando que ele repete e que essas repetições dizem dele, é dado um tempo para que ele possa elaborar, para que ele possa suportar e poder deslocar seu investimento libidinal para outras coisas. Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para elaborá-la, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico segundo a regra fundamental da análise (FREUD, 1914).

Desde que Freud definiu a transferência, muitos autores contribuíram para a expansão deste conceito, mostrando a complexidade deste fenômeno. Para Laplanche & Pontalis (2001), definem a transferência como:

O processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica [...]. A transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 514).

Klein (1952 [1991]), descreve a transferência como novas edições ou *fac-símiles* dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes durante o andamento da análise, onde existe uma prontidão em transferir suas primitivas experiências, relações de objeto e emoções é reforçada, e elas passam a localizar-se no psicanalista. Disso decorre que a paciente lida com os conflitos e ansiedades que foram reativados, recorrendo aos mesmos mecanismos e mesmas defesas, como nas situações anteriores.

A transferência estabelecida por Winnicott (1993) ocorre em casos que o ego do paciente não está estabelecido, sendo incapaz de lidar com suas pulsões. O *setting* torna-se mais importante do que a interpretação, onde o analista deve dar um espaço de suficientemente bom, promovendo progressivamente o surgimento de um ego capaz de suportar as pressões do id.

Em um relato de uma experiência singular, escrito por um terapeuta para atestar seu encontro com um paciente e respaldar um avanço teórico que, segundo Nasio (2001), designa um interesse muito particular de um analista a respeito de um paciente, leva, muitas vezes, a um intercâmbio de experiência com colegas, seja na forma de supervisão, grupos de estudo, dentre outros.

### **Interlocuções Psicanalíticas**

Freud nunca estudou sozinho, sempre esteve aos pares. Das correspondências com Wilhelm Fliess, da “Sociedade das Quartas-Feiras”, entre outros intercâmbios de comunicação para a construção, caminho de divulgação e estudo contínuo, aos pares e compartilhando saberes e experiências, Freud assim fez ao longo de sua vida. Ele se relacionou com médicos, filósofos, escritores, músicos, artistas em geral, dialogando com os saberes e buscando o maior aperfeiçoamento das técnicas e de toda a teoria psicanalítica existente.

Como bom leitor que era, admirou-se com a escrita de Cervantes. Chegou a aprender o casteliano para ler e se comunicar com Eduard Silberstein, seu amigo íntimo. Suas correspondências, na língua de Miguel de Cervantes, colocando-se dentro da fábula, como os cachorros do colóquio, materializaram suas narrativas, a partir da novela cerventina, pondo-se

como os cães que pensam e falam como humanos, de forma inteligente, sábia e construindo a relação transferencial. Uma metanarrativa de Freud e Silberstein, que caminham de leitores à participantes dos seus próprios textos, as cartas, em relatos singulares, entre eles.

Os textos narrados por cartas, tomados por base a leitura de Cervantes, não separam as identificações latentes dos autores personagens, Freud e Silberstein, de cooperação dos inconscientes. Winnicott (1962) diz que faz o trabalho da análise é feito pelo paciente e pela cooperação inconsciente, incluindo sonhos, recordações e suas narrativas. A leitura transporta, de forma projetiva, um deslocamento do pulsional, da vida psíquica a quem se endereça. As narrativas construídas estabelecem uma relação transferencial, uma repetição atual de estilos, formas, jogos, das relações anteriores. E, nesta vivência da leitura de Cervantes e a escrita, *a posteriori*, das cartas, tem-se a experiência manifesta de conteúdos latentes, das fantasias e marcações do desejo singular, pulsional de ambos sujeitos.

A escrita de Cervantes provoca a metanarrativa e, cria, tomando as palavras de Laplanche (1993), uma relação multipolar ao cultural, à criação ou, mais precisamente, a mensagem cultural. Em alguma medida, o leitor é tomado pelo personagem, a história que lhe é endereçada, possui algum enigma, implicando o que Laplanche chama de situação originária, aquela que o constitui o Eu e o Isso. A produção cultural provoca a reabertura da situação originária, um encontro do sujeito com o enigma que o coloca em um processo de elaboração, tradução.

O destinatário que por essência é enigmático, mesmo se toma por vezes traços individuais. Assim é Theo para Van Gogh, um Theo tão analista sem saber o quanto o Fliess para Freud. (...) O destinatário da produção cultural é sempre anônimo, ignorado, futuro: mas é com ele que há a transferência. (LAPLANCHE, 1992, p. 78).

O sujeito é posto em transferência com o enigma, levando ao trabalho de tradução, que não ocorre apenas no setting analítico, ocorre nas relações humana, onde haja a identificação projetiva deste enigma de caráter pulsional. Esta implicação produzida pela transferência reabre a situação originária e, nas produções literárias, ocorre o que Laplanche (1992) chama de transferência da transferência, como o ocorrido por Freud na leitura do *Colóquio dos Cachorros*

### **Considerações Finais**

Com a base na teoria freudiana e os pós freudianos, em especial, Jean Laplanche, pôde-se transitar nos conceitos de transferência e como ela pode ser estabelecida. Sabendo que todas

as relações transferências são marcadas por relações passadas, as novas relações têm a identificação com o pulsional, o enigmático.

Freud, grande leitor dos clássicos, em seu percurso de seu novo saber, a psicanálise, fez interlocuções com a literatura. No seu navegar dos textos de Miguel de Cervantes, *O colóquio dos cachorros*, provocou a desenvolver uma metanarrativa com seu grande amigo Silberstein, em meio as cartas trocadas. Ambos, colocaram-se como os personagens do colóquio ao dialogarem entre si. Freud e Silberstein, como cachorros, relacionaram-se transferencialmente, assim como os cachorros do colóquio, narrativas que exprimem aquilo que podemos ver na construção do *setting* analítico.

Fechando o pensamento das transferências, Laplanche afirma em seu texto de 2012, *Da transferência: sua provocação pelo analista*, que as transferências transcendem o *setting*. Podemos nos relacionar transferencialmente com a arte, algo nos toma, reverbera ao ser, ao seu inconsciente, ao seu enigmático, construindo o vínculo das relações primárias, originárias. A literatura nos toma, o simbólico constitutivo de cada subjetividade singular, como Freud foi tomado por Cervantes.

## Referências

CERVANTES, M. Novelas exemplares. *Tradução de Darly Nicolana Scornsiemchi*. São Paulo: Abril Cultural, 1970. (Trabalho original publicado em 1613).

FREUD, S. Estudos sobre histeria. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1995 (Trabalho original publicado em 1895).

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (W. I. de Oliveira, Trad.; Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago, 1969b. (Trabalho original publicado em 1900).

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, (vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. Leonardo Da Vinci e uma lembrança de infância. In: \_\_\_\_\_. *Obras Incompletas: arte literatura e os artistas* (pp. 69-166). Belo Horizonte: Autêntica, 2015 (Trabalho original publicado em 1910).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas* (vol. 6, pp. 13-173). São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (Trabalho original publicado em 1905).

FREUD, S. O poeta e o fantasiar. In: \_\_\_\_\_. *Obras Incompletas: arte literatura e os artistas* (pp. 54-71). Belo Horizonte: Autêntica, 2016 (Trabalho original publicado em 1908).

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Trabalho original publicado em 1987).

LAPLANCHE, J. *Da transferência: sua provocação pelo analista*. Revista percurso, 1993. 1(10), 73-83.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise* (4a ed., P. Tamen, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

KLEIN, M. As origens da transferência. In: \_\_\_\_\_. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1991 (Original publicado em 1952).

WINNICOTT, D. W. Variedades clínicas da transferência. In \_\_\_\_\_. Winnicott, *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (4a ed., J. Russo, trad., pp. 483-489). Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1993.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos psicanalíticos – Teoria, técnica e clínica: Uma abordagem didática*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

**Submetido em:** 31.01.2023

**Aceito para publicação em:** 3.03.2023